

Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)



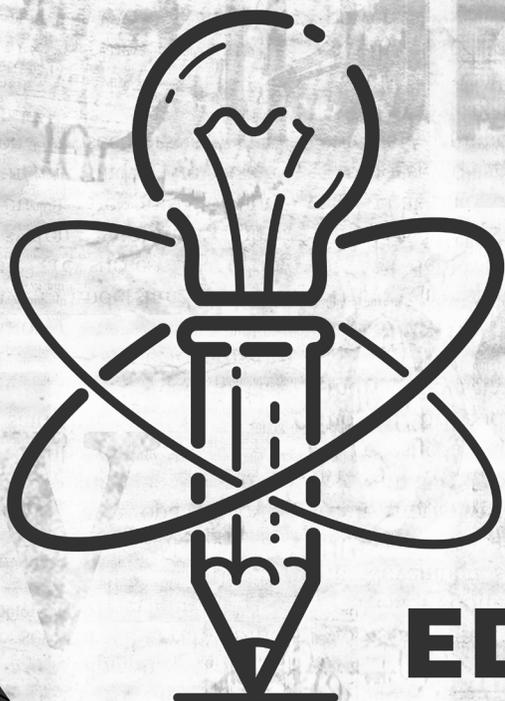
A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos

 **Atena**
Editora
Ano 2023

1

Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)



A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos

Atena
Editora
Ano 2023

1

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

A educação enquanto fenômeno social: políticas educacionais e o saber e o fazer educativos

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adilson Tadeu Basquerote

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
E24	<p>A educação enquanto fenômeno social: políticas educacionais e o saber e o fazer educativos / Organizador Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0998-4 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.984231602</p> <p>1. Educação. I. Basquerote, Adilson Tadeu (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O cenário social atual, permeado por aceleradas alterações econômicas, políticas, sociais e culturais exige novas formas de compressão das relações de entre os indivíduos e desses com o conhecimento. Assim, os processos educativos auxiliam no desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades mentais indispensáveis para o convívio social. Nesse contexto, a obra: **A educação enquanto fenômeno social: Políticas educacionais e o saber e o fazer educativos**, fruto de esforços de pesquisadores de distintas regiões brasileiras e estrangeiras, reúne pesquisas que se debruçam no entendimento das perspectivas educacionais contemporâneas.

Composta por dezoito capítulos, a livro apresenta estudos teóricos e empíricos, que versam sobre os processos pesquisa, ensino e de aprendizagem sob a perspectiva de seus atores e papéis. Com efeito, apresenta cenários que expõem experiências que dialogam com distintas áreas do conhecimento, sem contudo, perder o rigor científico e aprofundamento necessário.

Por fim, destacamos a importância da Editora Atena e dos autores na divulgação científica e no compartilhamento dos saberes cientificamente produzidos, à medida, que podem gerar novos estudos e reflexões sobre a temática. Ademais, esperamos contar com novas contribuições para a ampliação do debate sobre a educação enquanto um fenômeno social.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

CAPÍTULO 1 1

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO USO DA LINGUAGEM RADIOFÔNICA

Gislayne Chiarelle Vieira Soares

Jucieude de Lucena Evangelista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9842316021>

CAPÍTULO 2 13

PRIVATIZAÇÃO: UMA AMEAÇA À RELAÇÃO MEDIADORA DO ESPAÇO EDUCACIONAL?

Patricia Cristina Faria Bonani

Alexsandro Cardoso dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9842316022>

CAPÍTULO 3 21

PROGRAMA EDUCAÇÃO QUE ABRAÇA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA E A VALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE MUANÁ

Heliana da Costa Cardoso

Luciene Oliveira da Silva

Jeová Pereira Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9842316023>

CAPÍTULO 4 31

ANÁLISIS DEL CICLO DE VIDA SOCIAL DEL MANEJO DE LOS RESIDUOS SÓLIDOS URBANOS, DESDE EL ENFOQUE COMUNITARIO EN EL CONSEJO POPULAR JOSÉ MARTÍ DE LA CIUDAD DE SANTA CLARA, CUBA

Yaneisy Anaday Galloso García

Elena Rosa Domínguez

Georgina Castro Acevedo

Ana Margarita Contreras

Ronaldo Santos Herrera

Adilson Tadeu Basquerote

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9842316024>

CAPÍTULO 5 39

QUESTÕES DE TRIGONOMETRIA NO ENEM 2021: UMA ANÁLISE SOB A LUZ DOS TRÊS MUNDOS DA MATEMÁTICA

Giovana Carpes Malescha

Vitória Emilly da Silva Calmon

Ingrid Rabelo Cruz

Arthur Gonçalves Reis

Wagner Gomes Barroso Abrantes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9842316025>

CAPÍTULO 646

(RE) COMEÇO DAS AULAS PRESENCIAIS: DESAFIOS E RELEVÂNCIAS NA EDUCAÇÃO PÚBLICA DA REDE MUNICIPAL DE CURRAL DE CIMA

Aldnir Farias da Silva Leão

Josefa Edna Amâncio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9842316026>

CAPÍTULO 755

REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE POÇÕES NA SEGUNDA DÉCADA DO TERCEIRO MILÊNIO

Aiandra Reis Campos

Nivaldo Vieira de Santana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9842316027>

CAPÍTULO 860

RELATO DE EXPERIÊNCIA DA ESCUTA PSICOLÓGICA DO SUJEITO SURDO

Felipe Cavalcante Nunes

Fernando Parahyba Diogo de Siqueira

Beatriz Valadares Russo

Adriano Jesuino da Costa Neto

Terezinha Teixeira Joca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9842316028>

CAPÍTULO 967

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO DE REGÊNCIA NO ENSINO DE LIBRAS

Jozineide Fernandes de Lima

Gustavo Lucas Dias Rocha

Jéssica Girlaine Guimarães Leal

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9842316029>

CAPÍTULO 10.....77

TRILHAS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DA MATEMÁTICA: AMBIENTE VIRTUAL ORGANIZANDO A AULA INVERTIDA

Ubirajara Carnevale de Moraes

Vera Lucia Antonio Azevedo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98423160210>

CAPÍTULO 1183

UMA ANÁLISE ACERCA DA NECESSIDADE DE IMPLANTAR A DISCIPLINA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PESSOAL NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DA POLÍCIA MILITAR DE ALAGOAS

Denis Anderson Pereira da Hora

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98423160211>

CAPÍTULO 12.....89**UMA CRÍTICA À CONSTRUÇÃO DO SABER A PARTIR DO PENSAMENTO CIENTÍFICO**

Daniele Savietto Filippini
 Marcielli de Lemos Cremonese

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98423160212>

CAPÍTULO 13.....101**UMA PROPOSTA DE JOGO DIDÁTICO PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE GENÉTICA MENDELIANA**

Cristiany de Moura Apolinário e Silva
 Roseane de Paula Gomes Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98423160213>

CAPÍTULO 14..... 108**UMUARAMA-PR: DA COLONIZAÇÃO À TRANSFORMAÇÃO EM POLO REGIONAL E UNIVERSITÁRIO**

Grasielle Cristina dos Santos Lembi Gorla
 Aline Skowronski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98423160214>

CAPÍTULO 15..... 122**USO DO APLICATIVO PLICKERS COMO RECURSO DE METODOLOGIA ATIVA**

Rosimar C. Bessa
 Vicente W.N. Nunes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98423160215>

CAPÍTULO 16..... 129**USO DO PECHAKUCHA NO ENSINO SUPERIOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Magda Rogéria Pereira Viana
 Adelia Dalva da Silva Oliveira
 Jadilson Rodrigues Mendes
 Mara Regina Pereira Viana Damasceno Feitosa
 Emile Viana Moita Carvalho
 Eduardo Cairo Oliveira Cordeiro
 Getúlio Pereira de Oliveira Neto
 Gabriela Araújo Arrais de Santana
 Amanda Carla Oliveira Azevedo
 Marina Gonçalves Oliveira
 Olívia Vasconcelos Melo Soares
 Elis Maria Gonçalves Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98423160216>

CAPÍTULO 17..... 133

UTILIZANDO O MAPA MENTAL: PARA O ENSINO DA CLASSIFICAÇÃO MODERNA DOS ELEMENTOS QUÍMICOS

Claudiane Serafim de Sousa

Janeisi de Lima Meira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98423160217>

CAPÍTULO 18..... 137

A EDUCAÇÃO REPRESSIVA NA PERCEPÇÃO DOS TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO – UMA PESQUISA EMPÍRICA SOBRE OS SINAIS REPRESSIVOS NO COTIDIANO ESCOLAR

Hanen Sarkis Kanaan

Iara Helena Voos Schmitz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98423160218>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 149**ÍNDICE REMISSIVO..... 150**

A EDUCAÇÃO REPRESSIVA NA PERCEPÇÃO DOS TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO – UMA PESQUISA EMPÍRICA SOBRE OS SINAIS REPRESSIVOS NO COTIDIANO ESCOLAR

Data de aceite: 01/02/2023

Hanan Sarkis Kanaan

UTP

Iara Helena Voos Schmitz

UTP

RESUMO: O objetivo deste estudo é a compreensão sobre a Educação Repressiva e seus sinais no cotidiano escolar, o entendimento dos trabalhadores da educação a cerca dessa temática e como ela se movimenta neste contexto. A pesquisa empírica foi realizada com 45 trabalhadores da Educação Básica, pelo google forms, com questões abertas e fechadas, no período de 14/04/2022 à 03/05/2022. Como objeto de investigação, elencamos: *as possíveis práticas repressivas na educação, assentadas nas práticas pedagógicas dos trabalhadores da educação.* Para a fase de análise de dados, criou-se um quadro a partir das categorias evidenciadas no objetivo da pesquisa. Assim, a escola como um dos mecanismos de emancipação humana, torna-se um *locus* privilegiado de pesquisa, pois revela no processo educativo, a formação do comportamento social, intelectual, político e ideológico dos estudantes, permeados e mediados pelas

práticas de seus educadores e seu entorno, como a família, a igreja, as amizades, os meios de comunicação em massa e outras diversas práticas coletivas, formais ou informais. Neste sentido, investigar a educação repressiva e que formas assumem no contexto escolar, contribui para pensarmos a educação escolar frente às novas e complexas relações de força no mundo contemporâneo. A pesquisa revelou, que ainda existem práticas repressivas nas escolas permeando o processo educativo, e que se manifestam das mais variadas formas, desde gritos, até um, “a sala é outra quando você não está” demonstrando relações com a educação repressiva, manifestadas nas relações pedagógicas com violência simbólica, repressão aberta ou velada. O estudo poderá contribuir no sentido de refletirmos sobre uma escola realmente emancipatória, de formação integral e sobre um projeto de sociedade para a superação do ideário conservador.

PALAVRAS – CHAVE: Educação repressiva, trabalhadores em educação e emancipação humana.

1 | ALGUMAS REFLEXÕES INICIAIS

A Primeira República no Brasil (1889-1930), foi tomada como marco zero, lugar de origem da escolarização elementar e das políticas de institucionalização, disseminação e democratização da educação escolar no Brasil, em um cenário político-econômico com bases nos fenômenos do patriotismo, do coronelismo e do mandotismo.

A manutenção da rígida estruturação de poder instituída no período monárquico, das condições objetivas da estrutura agrária dominante, o monopólio do poder, submetendo o espaço público nascente às contingências da luta travada entre interesses privados.

As transformações nos setores político e econômico tenderam a provocar alterações no setor social por meio de novas orientações ideológicas, que denotam a presença marcante de inquietação social e heterogeneidade sociocultural, demarcadas pelo processo imigratório, este fenômeno foi um elemento relevante na alteração do mercado de trabalho e das relações trabalhistas.

Representou nova modalidade de força de trabalho, diferente dos quadros da produção escravagista, desencadeando nos processos de urbanização e industrialização o movimento das chamadas “lutas sociais”, contribuindo para o desenvolvimento da consciência de classe do operariado urbano. Como aponta Ricardo Antunes sobre o papel educativo e mobilizador do trabalho no processo de transformação social,

o trabalho, ao reestruturar o ser social, terá desestruturado o capital. E nesse mesmo trabalho autodeterminado que tornou sem sentido o capital gerará as condições sociais para o florescimento de uma subjetividade autêntica e emancipada, dando um novo sentido ao trabalho. (ANTUNES, 2009 p. 184)

Neste sentido, concordando com Antunes, a divisão social do trabalho exigiu cada vez mais uma crescente da especialização das funções, resultando no aparecimento de novas camadas sociais e a diferenciação das antigas classes dominantes, gerando a evolução do proletariado industrial, como aponta Nagle, (1974, p.45): “de qualquer modo, os acontecimentos que marcaram a presença da questão social no Brasil definem o processo inicial de metamorfose de um estado liberal para um estado mediador, apesar do caráter não sistemático da regulação existente”.

E um destes acontecimentos em diálogo com Nagle, foi a questão da educação. E uma das maneiras mais diretas de situar a questão consiste em afirmar que o mais manifesto resultado das transformações sociais mencionadas foi o aparecimento de inusitado entusiasmo pela escolarização e de marcante otimismo pedagógico

De um lado existia a crença de que, pela multiplicação de instituições escolares, disseminação da educação escolar, será possível incorporar grandes camadas da população na senda do progresso nacional e colocar o Brasil no caminho das grandes nações do mundo; de outro lado, existe a crença de que determinadas formulações doutrinárias sobre a escolarização indicam o caminho para a verdadeira formação do novo homem brasileiro. Nagle, (1974 p.115), afirma ainda que:

Neste contexto concordando com Nagle, inicia-se um movimento da luta pela educação no Brasil, sobretudo um movimento, na busca de uma ressignificação de suas funções políticas e sociais na perspectiva das questões educacionais latentes.

Assim, trata-se de uma tarefa complexa e abrangente, desde os primórdios da civilização, dentre as práticas humanas, a educação é a que mais se destaca, considerando a profundidade de sua influência na existência dos homens.

O relacionamento entre educação e sociedade, ao longo da história brasileira, sempre esteve ligada e esteve no centro dos debates, políticos governamentais na perspectiva do desenvolvimento de políticas públicas de acesso à educação básica.

Sobretudo quando os segmentos dominantes da sociedade entenderam que havia a necessidade de escolarizar a população para o avanço e manutenção de um novo sistema de produção, o capitalista, que ainda hoje tem no processo educacional público estatal seu principal braço.

A escola acaba sendo, portanto, o principal espaço de luta dos trabalhadores e de disputa de concepção e de sociedade, porque é o espaço comum dos filhos da classe trabalhadora, tanto para a socialização quanto para a apropriação de valores e conhecimentos necessários a vida social e laboral da sociedade capitalista, como aponta BENJAMIN, 1985, p. 225). (...) “todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão”. Portanto conhecer o processo histórico bem como suas múltiplas determinações permite explicitar e entender como se deu o processo de transmissão cultural no qual estamos inseridos e ao mesmo tempo excluídos das narrativas.

Neste contexto descrito por Benjamim, o conhecimento é apontado, por pesquisadores em ciências sociais e especialistas na área da educação, como um recurso controlador e fator decisivo de inserção social. Esse fato tende a mudar fundamentalmente a estrutura da sociedade, criar novas dinâmicas sociais e econômicas, como também, novas diretrizes e políticas educacionais.

E, os educadores não estão alheios a essas dinâmicas. Uma grande inquietação domina os meios educacionais, especialmente, os pesquisadores, cujo resultado é a produção de propostas e a discussão de reformas, haja vista, as novas necessidades do humano, na sociedade contemporânea.

Desta forma, não basta visar à capacitação de estudantes para as habilitações focadas nas especializações, ditas, tradicionais e engessadas. É necessário educá-los na perspectiva da Educação Integral, para a aquisição e o desenvolvimento de novas perspectivas, em função de novos saberes emergentes e que demandam um novo tipo de sujeito, o cidadão que participa, interage, insere-se social e criticamente, produz e é produzido.

É justamente, pensando nessa “prática social” que a escola deve estar ciente de que não basta tratar somente de conteúdos atuais em sala de aula, mas sim, também

conhecimentos mais amplos e históricos, para que os alunos possam interpretar suas experiências e suas aprendizagens na vida social.

Compreender o percurso formativo como um continuum que se dá ao longo da vida escolar, tanto quanto ao longo de toda a vida, significa considerar a singularidade dos tempos e dos modos de aprender dos diferentes sujeitos. Assim, faz-se necessário transcender os componentes curriculares das áreas em suas especificidades, promovendo o diálogo com os diferentes aspectos da cultura, entendida como conjunto de objetivações humanas produzidas ao longo do seu processo histórico, com vistas a sua ampliação e complexificação.

Como aponta Gramsci, (2022, p 217): “A escola é uma das instancias de educação e de grande importância no processo de socialização da criança, bem como na apropriação dos códigos de leitura da realidade”.

Neste sentido, Fontana (2000) afirma que é preciso que o adulto assuma o seu papel com o objetivo claro da relação de ensino (que é o de ensinar), levando em consideração a condição de ambos os lados dessa prática, como parceiros intelectuais, desiguais em termos de desenvolvimento psicológico e dos lugares sociais ocupados no processo histórico, mas por isso mesmo, parceiros na relação contraditória do conhecimento.

Como reforça Schlesener, (2017, p 67), em seu artigo a Dimensão Política da educação, “(...)a educação teria de assegurar o desenvolvimento integral da personalidade individual a partir do processo de construção de novas reações de formação coletiva.”

Ser um educador nesse contexto seria atuar como agente de mediação e transformação da realidade sociais, estimulando a partir dos conteúdos escolares a cidadania participativa.

Anita Helena Schlesener, ainda nos alerta sobre nosso papel como educador,

A escola enquanto instituição voltada para a formação para o trabalho, recebe ainda a função de possibilitar as condições de emancipação a partir da formação de um pensamento autônomo. Para tanto, precisa identificar as possibilidades de compreensão do todo e as contribuições que permeiam a realidade social e política. Schlesener, (2017, p 218),

Concordando com a autora, o trabalho do professor em sala de aula tem essa função de construção de novos saberes e leituras de mundo, possibilitando a construção de um mundo com uma perspectiva coletiva de vida, que possibilita o diálogo e a colaboração, mas nem sempre é assim.

A escola é um espaço de contradição, onde a liberdade caminha ao lado de processos repressivos conscientes e inconscientes que muitas vezes limitam o desenvolvimento dos estudantes, bem como prejudicam seu processo educativo, como descrito adiante.

2 | OS SINAIS DA EDUCAÇÃO REPRESSIVA NA ESCOLA

O silêncio dos estudantes, as carteiras enfileirada, os minutos contados para as conversas e risadas no recreio apertado, as dúvidas que nunca são sanadas, porque a vergonha da exposição e maior que coragem de errar, falta de acolhimento de entendimento de contexto, indisciplina como forma de protesto a alienação docente como resposta a uma estrutura que produz muito mais medo que conhecimento, mais acomodação que vontade de mudança, porque a repressão paralisa, limita desejos, condiciona a viver o que o sistema opressor deseja, e não o que desejamos.

O medo talvez seja um dos produtos mais acabados da educação repressiva escolar, atualmente legitimada pelos valores conservadores defendidos pela família tradicional aliado ao avanço do fascismo na sociedade brasileira.

Mas o medo materializado em práticas repressoras, assume várias formas além das já citadas acima Schlesener, afirma que:

A repressão não se traduz apenas na violência explícita, no ataque ao diferente, ao mais fraco, mas também no silêncio sobre a sexualidade, na formulação de uma absurda “ideologia de gênero”, na perpetuação do machismo, na invisibilidade do negro e do pobre morador de rua, no silêncio da sociedade sobre a barbárie de cárceres superlotados, na naturalização da divisão social que nos faz conviver ainda com elevadores de serviço, atitudes cotidianas que transferem para nossa subjetividade o controle que a ordem nos impõe. Schlesener, (2022, p. 203),

Neste sentido, reforçando Schlesener, no ambiente escolar, os trabalhadores da educação, praticam a repressão e também são expostos a práticas repressivas, algumas vezes intencionalmente resultado de valores pessoais, perspectiva de vida e visão de mundo, outras vezes mecanicamente decorrente dos processos repressivos que fomos expostos ao longo da vida familiar e escolar.

Investigar essas prática e ações repressivas no cotidiano escolar faz-se necessário, haja vista o cenário político- educacional do Brasil. Assim, como ponto de partida para essa investigação sobre esses sinais da educação repressiva no ambiente escolar, vamos apresentar os resultados de uma pesquisa empírica, aplicada com 45 trabalhadores da educação conforme descrito a seguir.

3 | LOCAL, SUJEITOS E MÉTODO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com trabalhadores da educação, entre os dias 14/04 e 03/05 do ano corrente, pelo google forms, via link de acesso. Foram sujeitos da pesquisa quarenta e cinco profissionais que atuam na Educação Básica. A pesquisa teve o objetivo principal de investigar possíveis práticas repressivas na Educação, assentadas nas práticas pedagógicas dos trabalhadores da Educação. Para Minayo,

esta fase da pesquisa caracteriza-se como a fase exploratória e muitas vezes,

dependendo da complexidade do estudo, pode até ser caracterizada como “pesquisa exploratória”. Esse processo possibilita ao pesquisador: fazer a aproximação para conhecer o campo; estabelecer melhor a “amostra”, e selecionar os sujeitos do estudo. Com os sujeitos a interação nesse período do estudo assemelha-se a um tipo de “namoro”. Minayo (2001, p. 23),

Nessa interação, concordando com a autora em tela, é o momento que se apresenta aos sujeitos do estudo a proposta da pesquisa, explicando sobre os objetivos, finalidades, a metodologia do estudo e sua relevância.

A análise de dados desta pesquisa foi desenvolvida concomitante à coleta de dados. Esse processo de interpretar os significados através da linguagem humana requer minuciosa atenção ao conteúdo dos dados em sua interpretação e a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para melhor ser compreendida.

Diante do exposto, a análise dos dados seguiu a orientação de Minayo (2001), focalizada, a princípio, na identificação de categorias que emergiram dos dados referentes às grandes categorias compostas pelo objetivo da pesquisa. Essas categorias foram registradas no quadro apresentado a seguir: Quadro 1 – Categorias de Análise: Fonte: as autoras (2022):

Objetivo da pesquisa: investigar possíveis práticas repressivas na Educação, assentadas nas práticas pedagógicas dos trabalhadores da Educação.	O que você entende pelo termo “ Educação Repressiva”. Exemplos destas práticas repressivas que você observa no cotidiano escolar. Quem são os atores da educação repressiva na escola.
--	--

Quadro 1.

O trabalho com categorias, que se referem aos conceitos que abrangem os elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si, auxiliaram na elaboração e leitura dos dados para posterior análise.

Qual realidade encontramos nos dados?

4 | A REALIDADE ENCONTRADA

Na busca por respostas sobre o objetivo proposto, os convidados a responder a pesquisa, foram quarenta e cinco trabalhadores da Educação Básica e todos aceitaram contribuir, fazendo o aceite na primeira pergunta do questionário, que contava com questões abertas e fechadas.

Em relação ao público da pesquisa, levando em consideração todas as condições de gênero, 93,3% é do sexo feminino e 6,7% é do sexo masculino. Quanto ao nível de formação acadêmica 66,7% são Especialistas, 15,6% são Mestres, 13,3% são graduados,

2,4% são graduandos e 2% são Doutores.

No que se refere a área de formação acadêmica 64,4% são Pedagogos (as), 8,9% são matemáticos, 6,7% historiadores, 5,5% sociólogos, 4,5% filósofos, 4% biólogos, 3,5% Físicos e 2,5% são geógrafos.

A maioria dos entrevistados 75,6% trabalham somente em uma escola, 20% trabalham em duas escolas, 2% em três escolas e 2,4% em quatro escolas e quanto a rede de ensino, 97,8% trabalham na rede pública de ensino e somente 2,2% atuam na rede privada de ensino.

O tempo de serviço como trabalhador da educação conforme os dados coletados mostram que, 26,7%, atuam na educação entre 21 e 25 anos, 8,9% de 26 a 30 anos, 15,6% atuam há 20 anos, 11,1% de 13 a 16 anos, 15,6% de 4 a 7 anos e uma respondeu que tem mais que 32 anos de atuação na educação, demonstrando escolha destes profissionais pela escola, como local de trabalho.

Pensando na vida escolar dos trabalhadores da educação, quanto a questão referente de terem vivenciado algum tipo de repressão em sua vida escolar, 91,1% dos dados apontam que sim, evidenciando a história da educação repressiva no Brasil. E você? Já vivenciou também?

No contexto do cotidiano escolar, os dados da pesquisa apontam que 82,2% dos trabalhadores em educação já presenciaram algum tipo de repressão na escola, seja entre aluno e professor, diretor e aluno, e outros atores do contexto escolar.

Acreditamos que estes dados sobre as ações repressivas na escola, assentadas na prática pedagógica dos trabalhadores da educação, reforçam ainda mais a investigação de como tais práticas se movimentam na escola, no que resultam e qual impacto trazem a vida acadêmica dos estudantes. Segundo Adorno,

A imagem do professor sendo aquele que é fisicamente mais forte e que castiga o mais fraco também afeta a vantagem do saber do professor frente ao saber de seus alunos, que ele utiliza sem ter direito para tanto, uma vez que a vantagem é indissociável de sua função, ao mesmo tempo em que sempre lhe confere uma autoridade de que dificilmente consegue abrir mão. Adorno (1995, p. 104).

Na esteira deste pensamento de Adorno, os dados revelaram que 48,8% dos entrevistados identificam em sua prática atitudes e ações repressivas, 28,9% não identificam e 24,4% não souberam responder.

Há dados na pesquisa que apontam que a escola apesar de ser um *locus* de emancipação humana, reforça e multiplica em seu cotidiano escolar elementos repressivos evidenciados pelo controle e a manutenção da ordem em sala de aula.

A pesquisa também revelou que a educação repressiva deixa marcas negativas na vida escolar dos estudantes, movimentando -se na escola, na esteira da violência simbólica, como afirma Bourdieu,

É a sua posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos, entendidos como pessoas físicas, transportam com eles, em todo tempo e lugar, sob forma de habitus. Os indivíduos “vestem” os habitus como hábitos, assim como o hábito faz o monge, isto é, faz a pessoa social, com todas as disposições que são, ao mesmo tempo, marcas da posição social e, portanto, da distância social entre as posições objetivas, entre as pessoas sociais conjuntamente aproximadas e a reafirmação dessa distância e das condutas exigidas para “guardar suas distâncias” ou para manipulá-las estratégica, simbólica ou realmente reduzi-las, aumentá-las ou simplesmente mantê-las. Bourdieu (1983, p. 75).

Em diálogo com Bourdieu, e com outros dados da pesquisa, conforme organização por categorias, passaremos a discussão dos dados referente ao objetivo da pesquisa que foi: investigar possíveis práticas repressivas na Educação, assentadas nas práticas pedagógicas dos trabalhadores da Educação e desvelar este habitus repressivo no cotidiano escolar.

4.1 Práticas repressivas na educação, assentadas nas práticas pedagógicas dos trabalhadores da educação

Para responder ao objetivo da pesquisa, elencamos algumas categorias de análise que irão contribuir na coleta dos dados conforme descritas abaixo.

<p>Objetivo da pesquisa: investigar possíveis práticas repressivas na Educação, assentadas nas práticas pedagógicas dos trabalhadores da Educação.</p>	<p>Categorias de análise 1- O que você entende pelo termo “ Educação Repressiva”. 2- Exemplos destas práticas repressivas que você observa no cotidiano escolar. 3- Quem são os atores da educação repressiva na escola.</p>
--	--

(Fonte as autoras 2022)

Em relação ao entendimento do termo educação repressiva (categoria 1) os dados apontam que os trabalhadores da educação o conhecem, tem ciência de como se movimenta na escola, quais são seus braços, que consequências trazem, bem como que práticas pedagógicas se configuram como educação repressiva no cotidiano escolar.

Neste contexto da terminologia da educação repressiva, destacamos alguns conceitos escritos pelos entrevistados que evidenciam a proximidade com a temática em tela.

“Entendo como uma educação onde o adulto tem total autoridade sobre a criança seja no ambiente familiar ou escolar.”

“Um tipo de ensino que poda, reprime e censura”.

“Uma educação que vai contra tudo o que significa educação, desconsiderando sua importância para a formação de um sujeito crítico e atuante em sua realidade.”

“Entendo por uma prática de agressões, físicas ou psicológicas.

“Educação engessada, rígida, com ameaças ou algo que causa medo ou

insegurança no que é submetido a ela, no caso o educando.”

“Uma educação que reprime a autonomia do indivíduo.”

“Processos de imposição de normas e regras que constroem e discriminam os alunos.”

“Uma educação que tem como foco a repressão dos estudantes.”

“Educação Repressiva, creio ser um instrumento do aparelhamento social que detém o poder. Pode ser também, baseado em práticas dominadoras/autoritárias que ficam longe ou não respeitam a criticidade do educando.”

“Educação onde o estudante não tem direito a voz e vez. Sofre intimidação.”

Em diálogo com os dados encontrados ainda podemos evidenciar outros conceitos, opiniões e afirmativas sobre o amplo conceito de educação repressiva como: educação que repressiva, educação inflexível, educação conservadora, educação que reprime, educação controladora e disciplinadora, educação engessada, rígida e ainda pode ser descrita como um tipo de educação mais severa. Paulo Freire, nos ajuda a compreender essa questão,

(..) a educação que, não podendo jamais ser neutra, tanto pode estar a serviço da decisão, da transformação do mundo, da inserção crítica nele, quanto a serviço da imobilização, da permanência possível das estruturas injustas, da acomodação dos seres humanos à realidade tida como intocável
Freire, (2000, p. 58).

No sentido das palavras de Freire, o educador precisa estar a serviço da transformação de mundo, da crítica, da luta de classes, e no movimento de mobilização das massas. Mas os dados da pesquisa revelam que não é bem neste sentido que caminha a escola e as práticas educativas.

Em relação aos exemplos destas práticas repressivas que os trabalhadores da educação observam no cotidiano escolar (categoria 2) podemos descrever através dos dados da pesquisa que existem diversas formas de manifestação e as mais citadas foram: a repressão psicológica em 48,9% dos casos, evidenciando um silencioso sinal de que a palavra do professor vira terror. Ainda identificamos que 11,1% são caracterizadas por proibições, 11,1% por gritos, as ameaças representam 8,9% dos dados e a repressão punitiva aparece com 6,7% dos resultados da pesquisa.

Entre essas categorias repressivas descritas acima, surgiram outras, como a repressão física, pouco evidenciada na fala dos professores, mas ainda presente no cotidiano escolar em pequena escala, no nosso caso. Quando observamos os exemplos ligados a essas práticas nos damos conta de quanto ainda temos a avançar no ideário educacional.

Para exemplificarmos esse cenário repressivo no cotidiano escolar, os dados revelam que as ações repressivas são caracterizadas como: nota como controle de comportamento, assédio moral, ameaças, gritos constantes com alunos, pressão psicológica, constrangimentos, proibições, intimidação, advertências, suspensão escolar,

castigos, ficar sem educação física, autoritarismo, humilhações, violência contra LGBTQIA+, cobrar, ameaçar com notas e dizer que será retido/ reprovado na série em que está.

Ainda evidenciamos relatos dos trabalhadores da educação no que se refere aos comentários que fazem aos alunos como por exemplo na voz de quatro deles:

“Você vai reprovar”,

“Depois não adiante chorar”

“Quando você falta a sala é outra “

“Se você não fizer a tarefa não vai para a aula de informática.”

Essas vozes, no contexto escolar atual, reforçam o poder da escola em legitimar práticas repressivas em vez de minimizá-las ou ainda mais assertivo, eliminá-las do cotidiano escolar, criando na escola um ambiente pautado na pedagogia do terror.

Não podemos ensinar o que desconhecemos, os processos são resultado de uma educação repressoras por conta disso acabar sendo natural reproduzir essa prática. Segundo Freire (2003,p.58) “o sistema escolar foi criado por forças políticas cujo centro de poder está distante da sala de aula”. Com isso, podemos entender o porquê que a educação libertadora é tão difícil de ser entendida pelos professores de forma que a mesma passe a se evidenciar na prática”.

Freire alerta para uma educação como prática da liberdade, para a emancipação humana, mas que é pouco revelada nas práticas pedagógicas dos trabalhadores da educação nesta pesquisa que evidencia sua condição de opressor e oprimido conforme os dados a seguir.

Em relação a quem são os atores da educação repressiva na escola (categoria 3) podemos apontar conforme a análise dos dados que a identificação destas práticas e ações repressivas indicam em 71,1% dos casos são praticadas por colegas de trabalho, significativamente em 55,6% por professores, seguido dos gestores com 20%, 10% por coordenadores, 9% por supervisores e 5,4% por orientadores escolares. Neste sentido temos o desabafo de uma entrevistada sobre a ação repressiva dos gestores:

“Eu, atualmente, não me sinto, sendo atingida por este tipo de práticas, mas sempre ouço de outros colegas, professores, em geral, de caso de gestores que agem de forma repressiva com os professores da sua escola, ou outros de cargos administrativos, que não sabem usar a conversa para ouvir e ajudar aquele que tem passado por dificuldades, ou até não tem ciência da prática errônea, digamos assim, tudo pode ser construído, sem ter que rebaixar ou ignorar o outro.”

As práticas repressivas, em diálogo com a entrevistada, fazem parte do cotidiano da escola, porque é a forma que aprendemos a nos relacionar nesse ambiente ao longo da vida, ao longo da nossa formação escolar nos acostumamos a naturalizar gritos e ameaças, como forma de autoridade de conseguir respeito, portanto não conseguimos enxergar como abuso ou violência.

A família grita, então o professor desqualificar o aluno (a) acaba sendo natural, nos levando a conviver com a violência simbólica de maneira naturalizada e alienada e em nosso entendimento, como nos afirma PERRENOUD,

A violência escolar é sobretudo *simbólica*: é uma pressão moral e psicológica constante exercida sobre os alunos para obter sua adesão, sua atenção, seu trabalho. Há, é claro, crianças felizes em ir à escola e que têm espontaneamente desejo de aprender. Uma maioria incerta suporta sua condição sem realmente sofrer, passando de momentos de tédio, ou de revolta, a outros, de entusiasmo e de adesão. Ocorre contudo que os alunos em dificuldade ou em fracasso não são aqueles que parecem os mais felizes na escola. PERRENOUD, (1999, p. 140).

Em diálogo com o autor em tela, a violência seja ela de qual natureza for, revela que a escola tem muito que caminhar no sentido da termos nas escolas crianças felizes, que gostem de aprender, que gostem da escola e sobretudo gostem de seus educadores. Que sejam efetivamente parceiros na relação contraditória do conhecimento.

5 | CONTRIBUIÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de buscar perspectivas de mudança com a contribuição dos trabalhadores da educação pudemos vislumbrar possibilidades para diminuir/ excluir do cotidiano escolar práticas ligadas a Educação Repressiva como descritas a seguir a partir da coleta de dados.

As palavras diálogo, respeito e debates foram as mais evidenciadas, seguidas pelo pedido de capacitação sobre o tema, mais flexibilidade, conversas com o serviço de psicologia da escola e ou de parcerias para atender os educadores, foi evidenciado também um olhar sobre a urgente relevância da renovação dos métodos de ensino, formação docente e a criação de um canal de escuta na escola para que educadores e estudantes possam fomentar temáticas para discussões posteriores.

Foi evidenciado nos dados o pedido de uma maior participação das famílias na escola, no sentido de contribuir na vida escolar de seus filhos (as).

A palavra humanização apareceu nos dados de forma isolada, mas no nosso entendimento é a expressão mais relevante quando pensamos o que queremos nas escolas e nos processos educativos, queremos humanização, no sentido de tornar -se humano, de sentirmos que pertencemos aos grupos com quem convivemos seja na escola, ou em outros espaços coletivos.

Finalizamos a pesquisa com muitas reflexões a serem feitas e debatidas, principalmente com os educadores, principais atores das ações repressivas na escola.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** 2ª edição. São Paulo: Boitempo, 2009.

BENJAMIM, Walter. **As Teses sobre o Conceito de História. In: Obras Escolhidas,** São Paulo, Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

FONTANA, R.A.C. **Mediação pedagógica na sala de aula.** 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação – Cartas Pedagógicas e Outros Escritos.** São Paulo: Unesp, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** 2ª ed, São Paulo- Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na primeira República.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

SCHLESENER, A. H. **Educação repressiva: as várias formas de repressão na formação da sociedade.** Ponta Grossa: Editora UEPG, 2022.

ADILSON TADEU BASQUEROTE - Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina, com estágio de Doutorado Sanduíche no Instituto de Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT/UL). Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Especialista em Práticas pedagógicas interdisciplinares: Educação Infantil, Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Médio (UNIFACVEST). Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER) e em Estudos Sociais - Geografia pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Professor no Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI). Compõe o corpo editorial, científico e de pareceristas de editoras e revistas científicas na área de Ensino e de Educação Geográfica. Possui experiência na Educação Geográfica e Ambiental, dedicando-se em especial ao uso das TIDCs no Ensino e na aprendizagem, Ensino e Aprendizagem, Recursos didáticos. Paralelamente, pesquisa os seguintes temas: Agroecologia, Agricultura Familiar, Gênero em contextos rurais, Associações agrícolas familiares e Segurança alimentar. <http://orcid.org/0000-0002-6328-1714>

A

Acessibilidade 48, 61, 65, 66, 74

Adolescência 62

Adultos 55, 56, 57, 58, 72

Ambiental 32, 33, 37, 114, 118, 149

Análise 5, 13, 16, 19, 39, 41, 45, 48, 78, 83, 86, 103, 118, 126, 131, 137, 142, 144, 146

Aprendizagem 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 42, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 63, 69, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 89, 101, 102, 103, 104, 106, 122, 123, 124, 125, 128, 130, 131, 133, 134, 136, 149

Atividades 2, 12, 14, 18, 21, 22, 24, 29, 47, 49, 51, 53, 61, 68, 69, 72, 74, 75, 79, 80, 81, 82, 101, 102, 103, 118, 123, 124, 125

Aula 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 15, 18, 22, 23, 26, 29, 49, 52, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 103, 104, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 130, 135, 136, 139, 140, 143, 146, 148

Avaliação 8, 14, 58, 107, 125, 126, 128, 148

B

Brasil 5, 12, 23, 30, 31, 41, 44, 45, 47, 50, 55, 56, 57, 58, 63, 64, 65, 72, 75, 85, 86, 88, 104, 106, 107, 109, 118, 120, 122, 138, 139, 141, 143

C

Cidadania 88, 140

Ciência 5, 53, 67, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 118, 134, 144, 146

Cultura 4, 10, 23, 32, 60, 62, 63, 77, 90, 93, 102, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 116, 117, 119, 140

Cultural 7, 17, 23, 33, 34, 35, 36, 57, 58, 66, 90, 139

D

Desenvolvimento 3, 4, 5, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 38, 42, 47, 48, 55, 56, 57, 68, 69, 73, 74, 77, 78, 80, 89, 104, 106, 115, 116, 118, 124, 131, 138, 139, 140, 149

Docente 4, 19, 67, 68, 72, 73, 74, 76, 102, 104, 123, 125, 128, 131, 141, 147

E

Educação 1, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 66, 67, 68, 72, 74, 75, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 97, 102, 103, 106, 107, 109,

116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 128, 129, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Educação básica 17, 21, 41, 47, 56, 57, 85, 106, 137, 139, 141, 142

Educacional 13, 15, 17, 18, 19, 21, 46, 53, 55, 56, 57, 58, 68, 78, 79, 103, 119, 122, 123, 128, 129, 139, 141, 145

Ensino 1, 2, 3, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 22, 24, 25, 29, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 82, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 116, 117, 118, 119, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 140, 143, 144, 147, 149

Ensino remoto 46, 47, 48, 52, 54, 101, 102, 106, 107

Escola 3, 4, 5, 7, 12, 15, 16, 19, 20, 22, 23, 24, 30, 49, 52, 53, 57, 60, 62, 63, 67, 68, 74, 97, 101, 102, 107, 118, 120, 128, 133, 134, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Estágio 67, 68, 72, 73, 74, 75, 149

Estudantes 8, 15, 18, 22, 23, 24, 26, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 60, 61, 63, 78, 97, 101, 102, 103, 117, 119, 134, 137, 139, 140, 141, 143, 145, 147

F

Família 24, 53, 62, 112, 137, 141, 147

Federal 1, 12, 39, 40, 45, 56, 58, 67, 68, 83, 84, 85, 86, 87, 108, 118, 120, 133, 149

Formação 6, 14, 16, 17, 18, 22, 26, 57, 58, 62, 63, 65, 67, 68, 72, 73, 74, 75, 78, 83, 84, 87, 88, 89, 97, 98, 99, 107, 112, 113, 119, 122, 124, 128, 134, 137, 138, 140, 142, 143, 144, 146, 147, 148

G

Gestão 19, 20, 28, 30, 37, 38, 56, 58, 83, 85, 86, 87, 88, 91, 102, 118

H

História 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 46, 71, 92, 93, 94, 102, 116, 120, 124, 139, 143, 148

Humano 4, 5, 6, 14, 17, 22, 23, 92, 103, 139, 147

I

Identidade 72

Inclusão 57, 58, 65, 106, 108, 113

Indígenas 35, 97

Infantil 9, 14, 26, 35, 47, 48, 103, 149

J

Jogo 14, 101, 103, 104, 105, 106, 107

Jovens 4, 19, 23, 53, 55, 56, 57, 58, 72, 85, 88, 97

L

Leitura 19, 48, 50, 127, 134, 140, 142

Liberdade 124, 140, 146

Libras 21, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76

Licenciatura 14, 41, 55, 67, 68, 73, 76, 82, 118, 119

Língua 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 73, 74, 75

M

Metodologia 4, 7, 8, 10, 16, 25, 62, 66, 68, 69, 80, 83, 104, 122, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 142

P

Pedagogia 12, 13, 14, 19, 56, 58, 75, 82, 116, 118, 119, 146, 148, 149

Período 14, 18, 21, 22, 39, 41, 44, 49, 50, 52, 57, 60, 67, 68, 106, 111, 115, 129, 133, 135, 137, 138, 142

Possibilidade 6, 17, 24, 64, 67, 78, 83, 87, 92, 97, 128

Práticas 1, 4, 15, 17, 18, 20, 23, 30, 47, 53, 54, 57, 67, 72, 77, 78, 79, 90, 98, 125, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149

Presencial 25, 46, 47, 48, 50, 51, 68, 77, 78, 80, 81, 82, 101, 102, 107, 117, 118, 121

Problemas 1, 2, 22, 23, 24, 32, 48, 87, 91, 96, 125

Professores 14, 16, 17, 18, 21, 25, 26, 28, 39, 40, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 57, 58, 68, 73, 76, 78, 79, 80, 81, 101, 103, 106, 119, 145, 146

Profissional 57, 63, 65, 67, 72, 73, 86, 128

R

Regência 67, 68, 73, 74

Remotas 103

S

Sociedade 4, 15, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 52, 53, 65, 85, 86, 91, 93, 96, 99, 102, 109, 122, 137, 139, 141, 148

Socioemocional 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30

Surdo 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 73, 74

T

Tecnologias 2, 4, 16, 23, 52, 57, 77, 79, 82, 102, 103, 118, 130

Tecnológica 48, 106, 129

Trabalho 1, 2, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 28, 29, 60, 66, 67, 68, 72, 75, 84, 87, 89, 94, 104, 105, 108, 109, 111, 115, 119, 122, 131, 133, 134, 138, 140, 142, 143, 146, 147, 148

V

Virtual 14, 18, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 103, 131

www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos

www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos